

VÃ — GUARDA — VÃ

EDGARDO XAVIER

Bruscamente salta o rótulo para as páginas dos jornais e das revistas de "especialidade". Tudo — é óbvio — à escala lusitana, frouxa por natureza e por situação geográfica. Na verdade, o clima e a variedade morfológica da nossa paisagem, a tolerância e uma certa suavidade de hábitos não nos consentem a necessária persistência e o rigor indispensável à concretização eficaz dos temas (não líricos) que tão razoavelmente vamos propondo.

Pensamos que, entre nós, a autocrítica é demasiado flácida para ser operante. Daí a facilidade com que gente da vã-guarda que temos se empenhe em dizer-nos de como é, como deveria ser e por quem poderia surgir algo de verdadeiramente novo no panorama soluçante e geriártrico da nossa cultura contemporânea.

Procuramos estar atentos mas, invariavelmente, é a frustração que acontece quando a montanha pare o habitual rato, fruto de uma fecundação onde o plágio, a desmotivação intrínseca e o oportunismo assumem papel fundamental. Alguma coisa, no entanto, vamos realizando em prol de um alargamento de comunicação. Usando uma linguagem imagética, poderíamos dizer que vamos tendo a melhor técnica esperantista para a indução do nada, do silêncio multimodo e não significativo, da gratuitidade do gesto e do acto que nem como contraste podem operar, uma vez que há pouco para pôr em destaque. Decididamente, algo está errado neste país de promessas, onde quase tudo se faz a fingir, quando o mote é a sério.

As originalidades — que as há — respeitam sobretudo ao "modus operandi" mas não vão além do epidérmico nem mesmo nas ditas vanguardas apostadas muito mais em agredir que edificar as pontes do futuro, como lhes caberia por definição. Depois, é o descrédito e o alheamento gerais. Somos um povo deseducado, inculto e imaturo, a muita

distância da apregoada Liberdade que, para ser uma realidade objectiva, pressupõe o uso de todos os instrumentos que lhe dão acesso. Ora isto não está incluso em nenhum projecto social, político ou cultural dos que, em hipera-bundância, alagam a nossa mediocridade.

Não há Liberdade sem conhecimento, nem cultura sem vivência. A erudição é, muitas vezes, a praga que tende a mascarar a realidade, funcionando a nível exterior porque, sem viabilidade de intervenção incisiva, permanece como justificação metodológica para actos gratuitos de difícil aceitação ou reconhecimento.

Um certo temor do preconceito e o excessivo desejo de sublinhar abertura, receptividade, espírito sincrónico com o futuro, atiram com a crítica para um silêncio conivente, quando não para uma adesão confortável, porque as oposições frontais podem não ser entendidas na sua dimensão correcta. E o ciclo fecha-se. O ciclo vicioso dos que proliferam, iludidos com a permissibilidade dos juízos expendidos. Acontece que as pessoas aceitam a explicação mas não o objecto, o acto, a atitude estética que o motiva e lhe é subjacente. Mas a vanguarda também é isso — rejeição — de parte a parte. De um lado, o autor que trilha a rota da nova estética, do outro o espectador que, situado fora de quaisquer parâmetros de referência, ousa mesmo pensar em reatguarda, de resto em seu pleníssimo direito e coerência.

Ao procurarem intervir no tecido social com "didactismos pirosos", estes senhores nem reparam que já não possuem quem esteja disposto a suportar a monumental maçada, para eles elemento indispensável à sinonímia do caos, afinal o fecho de abóboda do seu academismo: VÃ TRACINHO GUARDA.